

NOTAS DA QUINZENA

● É uma carta:

«Gostaria de saber o que é necessário para colaborar directamente com a Obra da Rua; isto é, tenho lido no vosso jornal que são precisas senhoras. Elas têm de viver na Casa do Gaiato? Não podem ter família? O que é que se espera delas? Creio que algumas não sabem que tipo de ajuda poderá ser dada por elas e como fazer. É natural que, por desconhecimento, se vão perdendo vocações. Podia esclarecer-me disso para eu poder esclarecer as outras?»

Tem razão, minha senhora; primeiro, o conhecimento. O Senhor assim fez: Deu-Se a conhecer e convidou os discípulos. Note que alguns ainda perguntaram: «Onde moras Tu?» A que respondeu: «Vinde e vede». Eles foram ver e ficaram.

● Esta senhora que me escreve, preocupada com as vocações para a nossa Obra, é catequista numa comunidade viva. Ali procura, com carinho, lançar as sementes que, por certo, darão bons frutos.

As vocações nascerão de comunidades vivas.

«Não me cansarei de repetir — diz o Santo Padre —, como fiz em várias ocasiões, que as

vocações são o sinal irrefutável da vitalidade de uma comunidade eclesial». E continua: «Uma comunidade sem vocações é como uma família sem filhos».

Pois, boa Amiga, vou mandar-lhe os livros do Pai Américo para que conheça e dê a conhecer, dentro da sua comunidade, a Obra da Rua, Obra dos mais pobres para os mais pobres. Verá quanta necessidade nós temos de senhoras vocacionadas e de sacerdotes.

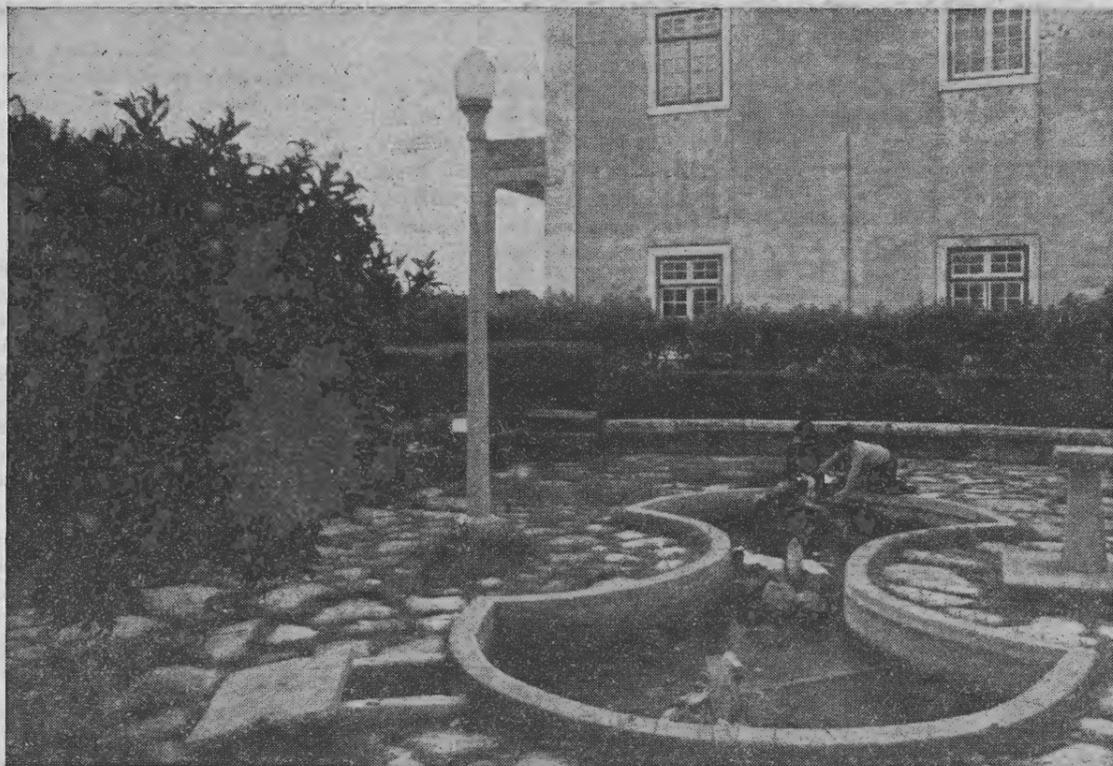
● «Que tipo de ajuda?» — pergunta também. Ora, todas as ajudas são valiosas e válidas. Como a que nos está dando neste momento; a ajuda que muitas senhoras nos prestam, dando um dia de costura por semana; uma delas, a semana inteira.

● «O que se espera das senhoras que se entregam à Obra da Rua?»

Veja: Uma vocação de totalidade que apanha o ser todo e exige um compromisso total. (Claro que, com maior razão, vale para os sacerdotes.)

Vocação específica porque orientada para os mais pobres,

Cont. na 3.ª pág



O que se espera das vocações que se entregam à Obra da Rua? Um compromisso total porque orientadas para os mais pobres, os mais doentes, os mais abandonados — como seriam estes Rapazes da Rua, hoje no que é seu.

AQUI, LISBOA!

«A maior parte dos homens de fortuna não quer considerar a tremenda responsabilidade dos seus bens, ocupados como andam com o problema de os acumular, em vez de pensarem a sério noutro muito mais grave, que é o de bem distribuir. A ninguém mandou Jesus acumular riquezas na terra!» (Pai Américo)

Não está em causa «o direito de propriedade» que «é indis-

cutível quando não vai de encontro a um outro, que também não se discute: o de cada um viver com decência». O que se questiona é a ânsia desenfreada de enriquecer da maioria dos cidadãos, sem olhar a processos e numa visão egocentrista, em que os Outros não contam; e a atitude daqueles que, possuidores de grandes fortunas, se fecham na sua abundância, esquecendo os seus deveres sociais de partilha, levando, em muitas circunstâncias, uma vida de esbanjamento escandaloso.

«O nosso direito é naturalmente limitado pelos direitos dos mais» — disse Pai Américo — e «a sociedade é feita e constituída para o bem comum de todos». Somos membros de um só Corpo, daí que não possamos pensar e agir indiferentes à sorte do nosso semelhante. A solidariedade é uma exigência de cada instante, a incidir sobre os problemas ou as situações angustiosas que, todos os dias, se deparam à nossa volta.

«Ai das fortunas quando caem nas mãos de homenzinhos de sorte, sem preparação nem formação nem sentido da responsabilidade de as possuir! Como são nefandas! Como espalham a desgraça! Como geram o desespero! Como são, sobre-

tudo e principalmente, vazias e arrogantes!» E, mais, escreveu ainda Pai Américo: «Para consolidar fortunas, muitos homens passam por cima dos Pobres sem respeito nem coração; e, na pressa que levam, nem sequer reparam que eles são seus irmãos. Oh quão difícil não é entrar um rico no Reino dos Céus!, diz o Evangelho».

Ao transcrevermos as palavras anteriores, mais não queremos que chamar a atenção dos poderosos deste mundo para as suas responsabilidades e dos perigos que correm, se acaso não procurarem libertar os seus corações das amarras do dinheiro e dos valores materiais. Ser-se rico, por si só, não é mal nenhum; o mal está na facilidade com que os endinheirados podem cair na escravatura do ter e na irresponsabilidade ante os outros que nada têm. De resto, como Pai Américo, também «estamos determinados e desejamos fazer bem tanto aos ricos como aos pobres, a cada um de sua maneira e consoante as suas necessidades, pois que todos precisam. É necessário haver quem se levante e diga e afirme e convença. Parecendo que não, os chamados ricos

Cont. na 4.ª pág.

Visitara-o o Verão passado. A fortaleza do espírito, a sua vivacidade habitual iam compensando o desgaste dos anos e travavam os estragos da doença. Achei-o razoavelmente vigoroso.

Há dias, passei por perto. Pensei nele, mas o tempo de chegar aonde ia já me não dava para uma visita. E pensei, justamente, na vontade de que alguém me prevenisse ao aproximar do seu fim. Gostaria de estar presente na sua hora derradeira, como ele o foi em horas importantes da nossa vida.

Minutos depois, no destino da viagem, saberia que fora a enterrar aquela manhã. Já não cumpri todo o meu programa, para voltar por sua campa e deixar sobre a terra fresca

UM AMIGO

que o cobria, uma oração.

Relembrei o nosso primeiro encontro no Governo Civil do Porto aonde Pai Américo me mandou apresentar. Eu padrezito acabado de ordenar; ele a mais alta Autoridade com que jamais me defrontara. Pois

a sua franqueza e simplicidade derreteu-me a timidez. Ficámos amigos sem cerimónia, apesar dos anos e de outras circunstâncias de valor que, sem a sua cordialidade, nos distanciariam.

E que feliz esta proximidade, de que tantas vezes houve de socorrer-me, não tanto do poder do homem constituído em autoridade, como do Amigo, forjado pela experiência de uma vida e servido por um coração de pai! Quantas vezes aqueles olhos que nos obrigavam a levantar a cabeça se os queríamos olhar de frente, os surpreendi marejados, depois de um problema que lhe expunha ou, sobretudo então, quando podia

Cont. na 3.ª pág

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

Há dez anos que frequentamos a Cooperativa do Ensino de Coimbra. Não é por acaso que temos aulas numa cooperativa onde os alunos pagam (e não é pouco). Todos ali nos querem bem. Os gaiatos estudam sem pagar, devido à generosidade da primeira directora do Colégio Pedro Nunes, Dr.^a Julieta de Carvalho, desde que ela conheceu Pai Américo, em 1940. A partir daí, esta senhora, crente no Amor, deu-se à educação escolar gratuita dos gaiatos — que tanto amou. Das suas mãos ajudou a serem homens com habilitações literárias de bons valores.

Eu sou o único aluno dela que ainda estudo na C. E. C.

Lembro-me do seu carácter, que muitas vezes não compreendi. Seria devido às minhas características e aos problemas específicos que transportava da minha história de vida. Exigente, muito determinante mas sempre com o seu característico sorriso. Sentia-lhe amor por nós, querendo transportar-nos para posições de valor na sociedade. Amar, e amar cada vez mais, era uma conduta que revelava a ensinar e no muito exigir.

Recordo as suas queixas nas cadernetas sempre assinadas pelo encarregado de educação. Muitas vezes severas, querendo, por outros meios, mais de nós, preciso e urgente para não nos perdermos. Às vezes, ao lermos as suas queixas, arrelivávamo-nos... Mas era o amor que tinha, que transbordava por mais algum sítio. À volta para as aulas, acolhia-nos de novo com um sorriso, esperando que o seu proceder houvesse tido efeito. Foi assim aquele primeiro e segundo anos do Ciclo Preparatório que frequentei e a conheci.

Nunca fui um bom aluno. Andava sempre na média. Mesmo no Francês chegava a tirar zeros. Muitas vezes não aguentava a sua conduta, mas era eu com a minha história. Outros foram diferentes, espertos, tirando bons resultados; e, conseqüentemente, fizeram-se homens pelo estudo.

Mas os seus ensinamentos ficaram-me e agora dão-me também força para não desanimar, no meio das dificuldades que os estudos nos depa-ram. E só as conhece quem foi estudante, quem o é.

Deus ama-nos. A Dr.^a Julieta de

Carvalho amou-nos. Amava a Deus. Aceitou ser instrumento, junto a Pai Américo, na transformação do Rapaz da Rua. Partiu, de junto de nós, após quatro anos deitada numa cama, paralítica, onde continuaria preocupada — perguntando pelos gaiatos!

Continua, no Céu, a amar-nos. Demos nós testemunho, como alunos. E continuaremos, como ela, a ser exigentes no nosso aprender, porque é necessário saber mais alguma coisa para viver e amar como Pai Américo que, através de Deus, amou.

São assim estas pessoas cristãs que se comprometem, que se indentificam com Jesus Cristo no mundo. E não é por acaso que os nossos Padres foram consciencializar os cristãos, pelas Igrejas, do compromisso que é festejar o centenário de Pai Américo — já no próximo ano. Aqui está o testemunho de um cristão. É assim, debruçando-se ao necessitado do nosso ambiente à maneira de Jesus Cristo. Não é só com juntar muitas pessoas em tal sítio, dizerem-se meia dúzia de palavras e bater palmas que se vai festejar o centenário de Pai Américo. Vamos festejá-lo como crentes. As manifestações serão fruto das obras — do compromisso cristão.

Por isso, também quis sublinhar o verdadeiro empenho da Dr.^a Julieta de Carvalho junto dos Pobres. Uma Amiga que, como alguém disse várias vezes no último adeus, «... está no Céu...».

No Lar de Coimbra e na Cooperativa de Ensino de Coimbra continuaremos (com mais força) a estudar, a aproveitar aquilo que alguém quer que sejamos — homens.

Nas nossas orações continuaremos a agradecer ao Senhor o bem que nos fazem. É um apelo constante ao Pai Santo pelos nossos Amigos.

Guido

Paço de Sousa

PÁSCOA — Significa a vitória da Vida sobre a morte, pois Cristo, depois de crucificado, ressuscitou e salvou-nos do pecado.

Na nossa Aldeia a Páscoa foi vivida intensamente.

Durante a Semana Santa escutámos o Padre Baltar, ligado ao movimento dos Convivas Fraternos, que se dedica aos jovens. Ajudou-nos a

preparar a Páscoa, como deve ser vivida pelo seu significado.

Na Quinta-feira Santa celebrámos a Ceia de Cristo com os Apóstolos e, como é costume, vieram alguns Pobres ceiar connosco.

Na Sexta-feira Santa a Via-Sacra começou por volta das 15 horas e a adoração da Cruz às 18,30.

No Sábado Santo, às 22 horas, participámos na Santa Missa, em clima de festa.

Na Páscoa, em nossa Casa, nem tudo foi alegria. O Godinho foi atropelado, sábado à noite, quando vinha para a nossa Aldeia assistir à santa Missa. Felizmente não foi ferido gravemente e, neste momento, já se encontra na nossa enfermaria.

FUTEBOL — A equipa dos mais novos teve, finalmente, a oportunidade que esperava: defrontou no dia 22 de Março uma equipa de Penafiel e ganhou sem dar hipóteses de resposta ao adversário, apesar de não jogarem há muito, de não estarem ainda bem entrosados e de não se entenderem. Jogaram o possível e ganharam por 8-0.

Também o grupo dos mais velhos jogou no dia 23 de Março com uma equipa de Leça do Bailio, o Ases de Leça Futebol Clube.

Começámos por sofrer um golo na primeira parte.

Na segunda parte a nossa equipa recuperou e chegou facilmente aos 4-1. Depois, pensando que o jogo estava ganho, o nosso adversário fez uma recuperação sensacional e acabou por ganhar por 5-4 com inteira justiça.

Fazemos, mais uma vez, um convite a colectividades desportivas que desejem defrontar-nos: façam favor de nos contactar.

PADARIA — É a oficina que nos dá o pão todos os dias — sempre fresquinho e bom.

Saiu de lá o Silva, que passou para a tipografia, e quem o substituiu foi o «Dentinho» que trabalhava na horta, pois manifestou o desejo de ser padeiro. Felicidades para a sua nova profissão.

CASAMENTO — O «Toninho» casou no dia 16 de Março, cerimónia que decorreu na nossa Capela, à hora da Missa, como é habitual.

A boda foi na casa dos pais da esposa.

Desejo, em nome de todos os gaiatos, que o casal seja feliz nesta nova etapa da sua vida.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Em consequência da idade (o caruncho e o calvário da vida) dois velhinhos adoeceram gravemente. Primeiro, ele. A mulher servia-o com devoção — até ao limite das suas forças — da alimentação à higiene pessoal. Cumprira, religiosamente, o dever de esposa.

Depois, ela adoece também com gravidade e segue para o hospital. O vicentino não pára e supõe que seria o princípio do fim.

— *Andámos toda a tarde, de domingo, à procura de quem fosse capaz de botar a mão ao pobre homem — que fica sozinho...*

O casal tem filhos, dispersos. Todavia, para cuidar do velho só aparece, entretanto, uma filha que andava por lá... Tudo o mais é demissão! A Madalena decide acudir aos pais, não se sabe até quando e como... — com o apoio material dos nossos Leitores.

Esta desgraça do século XX não acontece só entre os mais pobres — porque pobres. Não vamos quantificar, muito menos proceder a um levantamento do problema (que nos transcende) e seria um trabalho prático de sociologia, no qual se avaliaria a real situação do mal — para se abrir os olhos à comunidade.

A verdade é que, durante a primeira fase do caso vertente, um bom amigo — ora residente no grande Porto — abeirou-se de nós acerca dum progenitor também com doença gravíssima. Ele, que é de família numerosa..., houve que deixar a casa, os filhos, sacrificar-se ao máximo para suprir a demissão dos irmãos!

Não vamos adiantar mais. São problemas dolorosos, tão dolorosos que assinalam a erosão dos laços que mantinham de pé — com mais vigor nestes tranzes — a estrutura da família.

● Aquela tarde de Sexta-feira Santa foi destinada à reestrita via-sacra ao serviço dos Outros, num Dia que marca o Calvário — símbolo da Morte e da Ressurreição.

Iniciámos a acção com este pensamento reservado. Às tantas, no meio da ordem de trabalhos, um licenciado consulta o relógio do tempo; uma, duas, três... vezes. Conta os minutos, os segundos; e adverte:

— *Os meus amigos desculpem. Hoje, às três horas da tarde, faço sempre uma paragem dum minuto...*

Se as paredes do velho edifício estremeceram, que dizer das almas dos companheiros de jornada!?

Foi um Minuto algo diferente doutros, de silêncio, em cerimónias de circunstância!

PARTILHA — «Avó de Sintra» marca presença destinada à família

do costume» com os votos de «uma Páscoa em Paz». Um José, da Capital, também não esquece os Pobres nesta quadra: «Estamos chegados à Páscoa; por isso, remeto esta quantia (1.000\$00) para as «amêndoas» dos Pobres». Assinante 11902, do Fundão, o cheque habitual. Mais dez contos de M. Pereira e Amigos, entregues no Montepio Geral, em Lisboa, e transferidos pelo nosso Padre Luiz. Assinante 26471 com 2.500\$00 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, relativos aos meses de Março e Abril, acrescidos de mil para a Páscoa. Como habitualmente, gostaria fosse entregue a uma senhora idosa e doente, mas a distribuição fica ao vosso critério».

Mais 2.500\$00 do casal-assinante 28311. Resto de contas pela mão da assinante 7769, do Porto, expressando uma «Feliz Páscoa». Da Rua 20, Espinho, outro cheque: «É o meu contributo habitual e refere-se ao primeiro semestre de 1986». Outros mil, da assinante 35019, «pequeno auxílio que destino a abrigar o jantar de Páscoa de um dos Pobres mais pobres». Idem, de Mem Martins, «produto da minha renúncia quaresmal e que destino à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É apenas uma migalha; mas, junta a outras, fará o Folar para os Irmãos mais carecidos».

Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, aí está uma vez mais, saudando-nos «com amizade», e portador dum cheque para «utilizarem a favor dos Pobres, da forma que entenderem». Assinante 40498, do Porto, mil «em sufrágio das almas que me são queridas». Vem lá, agora, «uma portuense qualquer» com «as migalhinhas relativas a Janeiro e Fevereiro», atraso motivado por «uma doença bastante prolongada». Lembremos a nossa Amiga ao Pai do Céu.

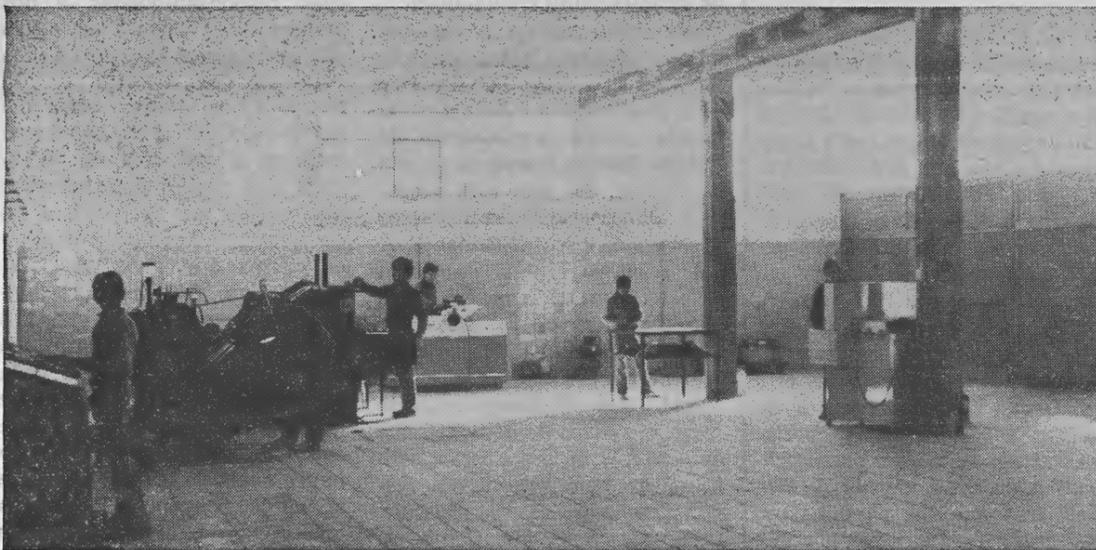
«Eu-e-ela», de Gondomar, trazem dois contos pela «alma dum querido irmão, oferta para amenizar as Festas da Páscoa dos irmãos mais pobres». Assinante 22890, de Rio de Mouro, três contos. O dobro da assinante 31782, de Escalhão. Mais dois, de Évora — coração do Alentejo. Mais «o que, de momento», a assinante 14802 pôde «tirar da pensão de reforma» para casos referidos nesta coluna — sem esquecer as Viúvas. Já que falamos delas, o assinante 26471, de Braga, não falha com a sua oferta destinada «às mais necessitadas». Assinante 16637, dos Carvalhos, um foliar para os Pobres. Outro, da assinante 24669. Mais outro da assinante 28740, de Pardelhas (Murtosa). Boas melhoras!

Os nossos votos de santa Páscoa. E um muito obrigado — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor do GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Outra imagem, mais ampla, da oficina-escola gráfica da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Do que nós necessitamos

A hora do correio é sagrada. Abrimos cartas que são páginas de Ciência de Deus. Não éramos capazes de dizer melhor. Por isso, apreciamos o que nos dão em bens materiais; agradecemos as lições de verdadeira sabedoria que nos comunicam.

«Senhor, acolhe-nos à Tua mesa e dá-nos o Teu pão.» É uma dedicatória da Páscoa a acompanhar 15.000\$00. Retroativos para a nossa Obra somam vinte mil, da assinante 13693. Mais 25.000\$00 para o jornal e para aquilo que for mais necessário.

Comovidos Padre Telmo e o presidente do clube da E. D. P., do Porto, ao entregar-lhe um cheque de 400.000\$00, oferta dos sócios, e que destinámos aos telhados dos Autoconstrutores, não só pela importância mas pelo gesto amigo e fraterno. Firma, do Porto, ao olhar para o seu passado, ao longo de 74 anos, lembra-se dos Pobres e manda um cheque de 25.000\$00. Mais outra e outro tanto, em cheque da Caixa Geral de Depósitos. Moedas em prata de umas **alminhas** de casa particular de uma freguesia do concelho de Cinfães.

Anónima, de Fátima, envia 5.000\$00 para a nossa Páscoa. A mesma intenção e 1.000\$00 de Pardelhas. Mais dez mil, de empresa do Porto. E, agora, esta dedicatória: «Hoje, dia da Anunciação do Anjo e dia em que o meu querido pai faria 91 anos, se fosse vivo, não quero deixar de dizer presente e enviar um cheque para ajudar a crescer para a vida tantos irmãozinhos meus. Fiz um aumento no quantitativo a enviar para tentar contrabalançar a inflação — 25.000\$00». Delicadeza de pormenores a revelar bondade de quem dá. Mais 20.000\$00 de uma pensionista que quer, sim, partilhar connosco. 5.000\$00, em cheque, e votos de uma Páscoa cheia de bênçãos. Nove mil, de Inês. «Como partilha da Páscoa — 11.000\$00 — e que Deus vos abençoe para tanto bem que espalhais.» Somos instrumentos e mais nada! Passa, agora, o cartão da Maria Beatriz e do José Manuel com 50.000\$00: «É uma grande alegria poder partilhar convosco. Deus vos dê muitas bênçãos nesta Páscoa que se aproxima». Quem, alguma vez, saboreou a alegria de dar, não pára mais! Engenheiro amigo vem com

30.000\$00 — «pequeno donativo para alívio das muitas necessidades dos Pobres para que se sintam mais confortados na Páscoa de Cristo». Quando queremos, quem nos pode separar do Amor? O sofrimento? Não. Mesmo doente e uma operação muito difícil não impede a presença da assinante 5210 com dez mil escudos. Paremos um bocadinho: «Remeto a quantia de 11.000\$00 da minha reforma de um mês». Não se queixa do pouco ou do muito. Dá o que tem: reforma de um mês, pois outros têm muito menos. 500\$00 e mais 500\$00 por intenção «de meus filhos». Outra vez quinhentos e mil — para as amêndoas da Páscoa; e 5 mil «para a grande Família».

Subimos a Rua dos Clérigos e trouxemos um saco cheio de tudo o que deixastes no Espelho da Moda. Cheques e notas. Donativos e assinaturas. Dentro de envelopes ou presos com alfinetes aos talões de recibo. Tomámos nota das intenções que acompanhavam. Cumprimos. Acusamos assim a recepção. Doutra modo não haveria espaço no jornal. Da Madalena, 2.500\$00. Mil escudos para a Obra aplicar no que for mais necessário. 20.000\$ mais 20.000\$ mais 20.000\$ pelas mãos de sacerdote que vem muitas vezes. Cem escudos. Duzentos, duas vezes; e quinhentos, muitas. É interessante: cada um dá do que tem e como pode. Migalhas que fazem a fartura. O Pai do Céu vê no segredo e é Ele quem mede. Duzentos mil «lembrança para a vossa Obra que sempre muito apreciei e

para aplicar no que mais necessitar». Esta confiança sem limites compromete-nos mais. Dentro de um envelope, 350\$00. «Tenho andado ausente; que o Senhor me perdoe. Aqui estou com a minha pequena dádiva. Peço-lhe, por favor, que a deixe anónima — 10.000\$00.» Vale de 5.000\$00. A senhora que o envia é uma pessoa pobre. Vive sozinha e de uma pequena reforma. É de Valbom. Não sabemos explicar. Mais: «Venho enviar-lhe 6.000\$00 com todas as forças do meu coração para essa grande Obra». Não dizemos nada. Deixamos falar o coração que dá. Os mortos são lembrados. Nesta pequenina oferta vamos descobrindo Verdades eternas nestes caminhos de simplicidade. A Eternidade ligada ao tempo. Os que partiram ficam presentes. Estamos na encruzilhada que é o ponto de encontro. Três irmãs mandam 100\$00 cada. A oferta tem força. É Caminho da Graça:

10.000\$00 pela conversão e salvação do irmão.

Subimos, outra vez, a Rua dos Clérigos e voltamos a parar no Espelho da Moda. Saímos a porta com o saco na mão e um abraço quente de despedida e a dizer obrigado, obrigado... Acusamos a recepção. Fiquem todos tranquilos. O assinante 6871 põe as contas em dia com um cheque de 50.000\$00. Do Funchal, 10.000\$00 e continua tudo como dantes. Que fazer?! «Envio 50.000\$00 para a assinatura d'O GAIATO e ainda o meu contributo na preparação da Páscoa. É a renúncia do que poderá fazer-me falta, mas que agora já está a ser muito precisa noutro lugar; noutro lugar onde há infortúnio... Assinante 19034. Obrigada pela inquietação que semeiam no meu coração.» Ficamos calados. Não está tudo aqui. As presenças são muitas. Continuaremos.

Padre Manuel António

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

os mais doentes e os mais abandonados.

Vocação exigente pela entrega total, doação, desprendimento e pela vida de fé. Todos os dias o «eu creio» contra todos os fracassos.

Sem esquecer que a vocação é um dom do Senhor — um presente. Compete-nos tomar consciência e aceitá-lo. «Vem e segue-Me.» Eles deixaram tudo e foram.

Recordemos, a propósito, a cena do jovem rico. Também ele queria mais, ir mais além, dar-se ao Senhor. Os bens e o mundo o impediram. Foram barreira que não foi

capaz de saltar. Diz o Evangelho que se retirou triste.

Quando em África assisti, várias vezes, à chegada de jovens espanhóis que tinham oferecido três anos de entrega ao lado dos missionários numa missão do mato, embora feliz pela sua doação, sempre me entristeci por não ver chegar jovens da nossa Pátria.

O que falta às nossas comunidades no aspecto vocacional? A carta desta senhora deu-me alegria pois sinto que ela é um sinal de esperança.

Se todas as catequistas de Portugal colocarem nos corações uma sementinha... «Se queres ser mais... deixa tudo e vem.»

Padre Telmo

Livro A PORTA ABERTA

Pedagogia do Pai Américo — métodos e vida
2.ª edição

Não é fácil ver em um só olhar uma personalidade tão rica como a de Pai Américo.

A convivência da sua pessoa ou dos seus escritos revelam-nos: artista da palavra que domina e constrói em estilo absolutamente original; alma de sensibilidade estética agudíssima perante a Natureza, a obra de arte, a beleza de outra alma; pedagogo, de escola antiga e sempre nova porque fundada nos valores perenes do amor e da liberdade; sociólogo, de ciência simples e eficiente, intuitiva do Evangelho; místico, na meditação e na vivência das Bem-aventuranças; «carismado» para a evangelização dos Pobres; profeta...

Qualquer destes temas poderia sugerir uma recolha antológica dos seus escritos, a qual nos daria a visão de uma faceta sua e permitiria ir reconstruindo a sua personalidade total.

(...) A presente obra representa da parte da sua Autora — Dra. Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte — um esforço paciente, apaixonadamente teimoso; e, como se fora pouco, deliberada e escrupulosamente humilde porquanto ela não quis senão prestar serviço aos dons inúmeros que em Pai Américo a seduziram; e, por esta tentativa de arrumação, prestar serviço a todos os que se debruçam sobre problemas de Pedagogia em busca de uma solução divina.

É a primeira publicação de fôlego que se nos oferece sobre Pai Américo-pedagogo, este **Somos a Porta Aberta**. E, dadas as suas características de obra quase totalmente escrita por Pai Américo, não tivemos hesitação em aceitar a segunda prova de dedicação da sua Autora, fazendo dela uma edição nossa.

Padre Carlos

Livros da autoria de Pai Américo — **Pão dos Pobres**: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Isto é a Casa do Gaiato**: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); **Barredo** (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); **Ovo de Colombo** (2.ª edição); **Vlagers** (2.ª edição — reordenada e aumentada); **Doutrina**: 1.º volume (2.ª edição aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

Um Amigo

Cont. da 1.ª pág.

dar-lhe uma notícia boa que envolvesse muita bondade! Como ele apreciava a partilha, alegre ou dolorosa que ela fosse!... Tanto que as lágrimas o trasfiam!

Grande coração, sim; mas também grande carácter! A sua verticalidade, a sua independência, o desinteresse com que serviu — foram-me lição frequente. Aonde poderia ter chegado, nas posições ou proventos deste mundo, se a sua grande estatura fosse dada a curvar-se?! Ele preferiu sempre salvaguardar a sua liberdade, mesmo pelo preço de uma possível suspeição de que fosse vítima. Fez a sua carreira. Serviu onde o chamaram a servir. E voltou simplesmente ao seu lugar de carreira sem mais benesses nem honrarias.

No silêncio discreto da sua casa onde viveu os últimos anos quase como um monge, o Senhor o veio buscar.

Deus guarde (guarda, com certeza!) a alma do senhor Dr. Domingos Braga da Cruz, mais um grande Amigo que a Obra da Rua tem agora ao pé do seu Fundador.

Padre Carlos



Retalhos de vida

«PASSARELA»

Sou o José Manuel Oliveira Bento, conhecido por «Passarela».

Nasci a 18 de Maio de 1974, em Faro.

Na minha terra andava pelas ruas a vadiar, pois não tinha quem cuidasse de mim. Meu pai batia-me e a minha mãe estava separada dele porque ele bebia muito vinho.

Em Faro, andava na primeira fase, no segundo ano de escolaridade; mas, como andava a vadiar, tive poucas presenças, bastantes faltas, e, por isso, não tinha aproveitamento escolar. Assim, com estes aborrecimentos todos, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa — onde me sinto muito contente.

Quando for grande gostaria de ser pintor e dourador de móveis.

Tenho bastantes amigos, mas não vou dizer quem são, nestes meus pequenos «retalhos de vida». Abraços para os Leitores que me conhecem na distribuição d'O GAIATO. Felicidades!

José Manuel («Passarela»)

DOCTRINA



● (...) A ternura destas famílias (pobres) é indizível; falam-nos com olhos marejados, fazem que os filhos nos beijem e vêm acompanhar-nos ao fundo das escadas, não vê a gente perder-se na escuridão! Deus de infinita Justiça, a vitória não é das Direitas nem das Esquerdas, nem é das leis nem de ninguém. Nem jamais terminará a pugna, enquanto se não der a cada um aquilo que lhe pertence; e então, mas só então, teremos ganho a vitória.

● Guardar, arrecadar — a máxima preocupação dos que vivem das suas rendas. Dinheiros inutilmente amontoados, a apodrecer nas gavetas das arcas velhas e nas caixas fortes de Bancos; e ali têm todo o seu coração, porque também lá se encontra todo o seu tesouro. Não se lhes dá que o vizinho de cima não tenha nada que pôr na mesa ou que um mundo de criancinhas se deite à noite sem ceia. Que importa, se o verbo faltar nunca entrou em casa deles. São valores inúteis que passam no mundo uma vida inteira a semear desesperos, infortúnios, guerras, fome!

● Ninguém merece ser chamado às alturas de Francisco de Assis ou de Isabel de Aragão — tornar-se Pobre para melhor saborear a vida deles; mas distribuir bem as fortunas que Deus coloca na mão dos seus possuidores, isso é mínimo a que ninguém se pode furtar.

● Toda a gente de teres deve obrigar-se, em consciência, a colocar todos os meses a sua quota-parte na mão dos Pobres ou, melhor ainda, na mão das pessoas e das obras que têm no mundo a missão de olhar por eles. «A esmola cobre a multidão dos pecados», ensinam os Livros santos; e só eles têm palavras de Vida Eterna.

● (...) Não tenhas medo dos tempos nem dos homens nem das guerras nem das leis. Não digas tu que «as coisas estão feias», como sói fazer a mediocridade que não sabe levantar os olhos do chão. Olha para a Beleza Incrédula que não sofre mutação. E confia!

D. Américo

Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.

Menores desamparados

No achado que mencionei a última quinzena, havia outro recorte, não sei se do mesmo se de outro jornal também de Janeiro de 1950. O artigo é intitulado como vai na epígrafe deste e subscreve-o um padre jesuíta conhecedor do mundo dos Serviços Jurisdicionais de Menores do Brasil.

Padre Arlindo Vieira visitara recentemente três grandes Estabelecimentos para Menores desamparados, os três de instituição oficial, que abrigavam no conjunto cerca de mil crianças, adolescentes e jovens até aos 18 anos. Visita demorada, conscienciosa, que lhe permitiu um juízo da situação: francamente favorável quanto à acção e dedicação dos responsáveis e intervenientes nesses Estabelecimentos; mas reconhecendo muitas lacunas, nomeadamente o tratamento em comum de normais e diminuídos, de desamparados, apenas, com outros já experimentados na delinquência.

Uma nota que mais o impressionou num dos Estabelecimentos visitados foi a existência de grande quinta e nela a presença dirigente de «um técnico do Ministério da Agricultura, moço inteligente, activo e profundo conhecedor do assunto. Só de vê-lo todo metido em sua faina, optimista, sorridente, os alunos cobram ânimo e se afeiçoam à vida do campo».

Esta alusão parece indicar que nos outros Estabelecimentos não haveria esta ocupação dos residentes com trabalhos que seriam para eles preciosos

instrumento de readaptação. E nas entrelinhas se percebe que achava prejuízo tal omissão. De acordo!

Mas o pensamento dominante deste padre, após a visita às três instituições, ele que também dá mostras de conhecer os meios de onde vinham as crianças e adolescentes que as enchiam, fixa-se na estratégia para sanar e deter o crescimento deste mal: ir às causas.

«Fala-se muito do grande número de menores desvalidos na nossa Capital (Rio de Janeiro). Uns dizem que temos trinta mil, outros elevam esse número para cinquenta e até cem mil. Visitando os subúrbios e as favelas, posso afirmar que este número não é exagerado.

Quase todos esses menores precisam de ser reeducados, ou simplesmente educados porquanto nunca o foram. Nossas favelas comparo-as a grandes pocilgas que se estendem pelos morros. (...) Que se pode esperar de crianças criadas nesse ambiente corrupto e corruptor? (...) Só as favelas e as casas de cómodos do Rio de Janeiro podem encher quantas Casas para menores se abrirem por esse imenso Brasil. E as cidades do interior?! (...) Enquanto não resolvermos o problema da habitação no Rio, tudo o que estamos fazendo e tudo o que fizermos para melhorar a sorte dos menores, não será mais do que uma gota de água num imenso caudal. Seria mais racional começarmos por combater as causas deste mal gravíssimo».

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

precisam de dar. Precisam de se acreditar, ser amados. Precisam que os Pobres tenham medo de os perder; que Deus os note. É preciso quem diga. E noutro passo: «Sim, os ricos precisam de se acreditar, ser pelos fracos, sentir com eles. Chamar quem os ajude e ajudá-los. Eu quero ser, por bem, o missionário dos ricos, não com lisongias, mas pela Verdade. Pregar-lhes Cristo vivo como o Salvador da alma e não dos seus bens. Dizer-lhes que não têm parte no Reino, se agora não repartem». Entendidos?

■ O I. V. A. está na moda e é preocupação de muita gente. Não são só os contribuintes mas também os funcionários públicos que andam um pouco desnorteados. Com o decorrer dos tempos, assim o esperamos, tudo entrará nos eixos.

Vale a pena, a título de anedota, referir que no outro dia, ao pretendermos receber um pequeno subsídio de determinada Instituição oficial, por internamento de dois deficientes profundos, nos queriam aplicar o

referido imposto! Valha-nos Deus! Meia dúzia de pessoas, à volta dum livro, com dúvidas e hesitações, apesar das relações mútuas, longínquas e do conhecimento da natureza e fins da Obra. A burocracia tem um grande peso!

■ FESTAS — Quando estas linhas saírem a lume já estarão à venda os bilhetes para a Festa de Lisboa, nos locais habituais: Franco Gravador, R. da Vitória 40, telefone 361406; Montepio Geral (Secretaria), R. do Carmo, 62, 2.º, telefone 372161; Maison Louvre, Rossio 106, telefone 328619; Ourivesaria 13, R. da Palma 13, telefone 861939; Lar do Gaiato, R. Ricardo Espírito Santo, 8-r/c-D.to, telefone 666333.

A Festa em Loures está marcada para 24 de Maio, às 15,30 h, no Cinema dos Bombeiros Voluntários.

Padre Luiz

Então, como agora, lá como cá, vale a denúncia deste sacerdote. Vale, infelizmente — digo-o no presente — porque os males apontados continuam, trinta e seis anos depois, com redobrada actualidade e o caminho sugerido permanece uma sugestão.

No Brasil sabemos como é tremendo o problema da delinquência juvenil. Em Portugal têm-se agravado assustadoramente tanto a delinquência como o desamparo de menores. Nas causas há, quase sempre, uma componente económica e outra de ordem moral. Ao lado da carência de meios que confere ao caso uma tónica de natureza social, cresce a dissolução dos vínculos familiares de que os filhos são as maiores vítimas, se não também daquela carência, pelo menos de uma insegurança afectiva que é plano inclinado de fácil resvalamento para a delinquência.

Em contraste com um passado mais remoto, tem-nos impressionado nos últimos anos a frequência crescente com que pequenitos se nos entregam desde o primeiro momento da chegada, sem uma lágrima, sem uma queixa de saudade, com uma inteireza de confiança qual o naufrago perante a tábua de salvação ao seu alcance. Quer dizer que vêm de um nada absoluto. Anos atrás podiam vir da fome, mas nem por isso deixavam de sofrer, por vezes com abundantes manifestações, a saudade dos seus e do ambiente de origem. Em que dariam estes pequenitos se não recobrassem a tempo os seus direitos a uma família com tudo o que ela comporta de estabilidade afectiva e material?!

Há uma dissociação preocupante entre os pelouros dos Assuntos Sociais e da Justiça que esteriliza muitos esforços de um e de outro. O remédio estará na integração dos problemas que são seu objectivo, ao nível das suas causas. A esse nível será mais fácil encontrar uma coincidência de princípios de resposta que se dispersam no plano casuístico dos factos consumados e dissipam energias que intentam resolvê-los, que melhor seria evitá-los.

Favelas no Rio de Janeiro ou bairros de lata e quejandos nas nossas capitais pedem, sem dúvida, uma solução que, uma vez

encontrada, dispensará depois, de uma multiplicidade de soluções. Mas não só. No plano jurídico há um campo imenso a explorar e a explorar, desde fariças políticas de não levantar ondas com todas as consequências de permissividade, até medidas positivamente tomadas que, pela convicção — e pelo medo de sanções que «também guarda a vinha!» — fortalecerão o sentido de responsabilidade inerente aos vínculos do sangue.

Tal só é possível — creio — quando as respostas aos problemas, ora da competência de cada um dos ditos pelouros, emanarem destes, sim, na execução; mas forem vistas e planeadas de um nível mais alto e integrador que seria um Ministério da Família.

Padre Carlos

Associações dos Antigos Gaiatos CENTRO

Depois de um interregno em que deixámos de ter comunicação jornalística com os nossos colegas e familiares, apesar de tudo não nos esquecemos de todas as comunidades, de Norte a Sul, em suma, de todas as Associações de Antigos Gaiatos.

Aproveitamos para comunicar que se encontra marcada para o próximo dia 15 de Junho o nosso 3.º Encontro dos Antigos Gaiatos do Centro, em Miranda do Corvo.

Oportunamente, daremos conta dos pormenores da reunião e respectivo programa.

Esperamos que tomem nota da data proposta.

Aguardamos a presença, se possível em maior número que o ano passado, pois a participação de cada um é indispensável. Os próprios associados dão nota das presenças e faltas dos nossos colegas.

Harmoniza a tua vida para o 3.º Encontro. E vem daí!

Manuel Velga

NORTE

ASSEMBLEIA GERAL

Tornamos a avisar os companheiros que marcámos uma Assembleia Geral para 19 de Abril, às 14 h, com a seguinte ordem de trabalhos: Tomada de posse dos novos Corpos Gerentes e alteração dos estatutos da Associação.

Esperamos por ti. Aparece. Participa. Convive.

Carlos Gonçalves

Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Março: 58.545 exemplares.